Milho

Exportar para China ou produzir etanol

Glauber Silveira*

DIVERSOS USINEIROS e produtores de milho da região Centro-Oeste estão discutindo a implantação de novas usinas *flex*. No estado de Mato Grosso, há uma unidade em funcionamento, na cidade de Campos de Júlio, ou seja, a produção de etanol de milho é uma realidade no Brasil.

O empreendimento significa uma oportunidade de consumir milho com agregação de valor no Centro-Oeste. Na safra 2011/12, Mato Grosso, Goiás e Mato Grosso do Sul geraram, no conjunto, um excedente de 21,1 milhões de toneladas. O consumo do cereal concentra-se, principalmente, na avicultura, suinocultura e nos confinamentos de bovinos. Essa demanda não acompanha a capacidade de expansão da produção.

Em 2012, o Brasil exportou algo próximo de 21 milhões de toneladas de milho. A quebra mundial na sua produção, sobretudo nos Estados Unidos, permitiu a colocação do produto brasileiro, a preços remuneradores, no mercado internacional. Caso contrário, teríamos os armazéns abarrotados de grãos, como em anos anteriores. E, mesmo assim, há sobra de milho no Brasil.

A região Centro-Oeste pode produzir mais 14 milhões de toneladas, mas isso causaria problema sério de preço por dois motivos principais: não teríamos como consumi-lo internamente e exportaríamos pelas rodovias do Brasil ao custo de frete mais caro do mundo. Custa muito caro transportar uma carga do estado para os portos ou para o estado de Santa Catarina, onde ocorre a sua falta. Em Sorriso, no Mato Grosso, o preço de cereal está em R$ 18 a saca, mas o frete para transportá-lo ao porto fica em R$ 14. De cada três sacas enviadas comercializadas, duas vão para pagar o transporte.

Produção de milho na safra 2011/12 (milhões de t)

Estado	Produção	Consumo	Excedente
Mato Grosso	13,9	2,0	11,9
Goiás	7,8	4,0	3,8
Mato Grosso do Sul	5,7	1,3	4,4
Subtotal	27,4	7,3	21,1
Brasil	84,1	52,5	31,6

Fonte: Conab/MAPA

Se tivéssemos mais ferrovias e hidrovias e se soubéssemos explorar adequadamente cada modal, de acordo com a distância a ser percorrida (curtas, de caminhão, e longas, de trem e barcaças), teríamos um custo do frete muito menor.

Diante desse cenário, uma das alternativas para agregarmos valor ao milho do Centro-Oeste é utilizá-lo, em parte, nas usinas de cana-de-açúcar. Com ampliação, produziríamos etanol, grãos secos por destilação (DDGs) e óleo. Com 1 tonelada de matéria-prima, fabricaríamos até 240 quilos de DDGs, 395 litros de álcool e 20 litros de óleo. Segundo a Célere Consultoria, para cada 1 milhão de toneladas de milho transformado em etanol, DDGs e óleo, haveria uma receita anual de R$ 700 milhões, com a geração de R$ 180 milhões de impostos ao estado e 150 novos empregos diretos.

Diversos usineiros vislumbram a produção do etanol de milho. Além de agregar valor, a atividade operacional da indústria passaria de seis meses para quase o ano todo. É uma redução dos custos do próprio etanol de cana, com o seu rateio por outro produto. Duas novas usinas *flex* estão em fase de aquisição de equipamentos: uma no Mato Grosso e outra em Goiás.

O investimento para a instalação da chamada destilaria *flex* para processamento de cana-de-açúcar, milho e sorgo, para os estabelecimentos industriais em operação (com produção de etanol somente a partir da cana-de-açúcar), é hoje da ordem de R$ 18 milhões. Já a planta industrial, exclusivamente voltada para utilizar somente os cereais como matéria-prima, requer alto investimento: no momento, no valor de R$ 50 milhões.

O questionamento oportuno é se continuaremos dependentes da China para consumir o milho ou escolheremos o caminho norte-americano de agregar valor e aumentar a segurança energética.

A prioridade está na busca de soluções empresariais e na cobrança do Governo para uma política dos biocombustíveis. A visão ambiental não está nos combustíveis fósseis e rodovias. Pagamos caro e perdemos a oportunidade de crescer e ser muito mais competitivos. Imaginem o Brasil com política energética sustentável em cima dos biocombustíveis e matriz de transporte apoiada nos modais ferroviários e hidroviários. ■

**Engenheiro agrônomo, produtor rural e presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Soja e Milho (Aprosoja Brasil) - glauber@aprosoja.com.br